

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 15000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 15125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

AO ATAQUE!

Eu estou admirado do empenho com que os srs. progressistas discutem a personalidade do sr. Manuel d'Arriaga. Eu já sabia que os insignes paes da patria, que na opposição rufam na pelle de sua magestade convertida em capa de tambor de rebate, chamando as hostes á escalada do poder, e que no poder comem a pelle do povo preparada em guizado à la royauté eram republicanophobos; mas, desculpem-me a innocencia, nunca supuz que levassam a republicanophobia tão longe.

Por Deus! Descomponham-nos quando votarmos, por um principio de dignidade pessoal e interesse local, contra vossas senhorias, na reunião dos quarenta maiores contribuintes.

A vossa descompostura será injusta, será atrevida, será insolente, será o que os nossos amigos quizerem; mas é logica e comprehensivel. Vossas senhorias juraram á mão de Deus padre que haviam d'engendrar um recenseamento á granjola; meteu-se-vos na dura cachimonia que haviam de dominar tudo e todos. Quem se ha de admirar então dos vossos ataques aos republicanos, que vos deram com a igreja em terra? Ninguém e somos obrigados até a desculpar-vos por um principio de caridade christã, que manda relevar as fraquezas do proximo; e eu não conheço n'este mundo fraqueza maior que o despeito.

Descomponham-nos, tozemos, arremetam connosco porque vos não demos em espectáculo uma dura carnificina depois d'um comicio qualquer. Eu comprehendo o prazer que o sr. Mariano de Carvalho, o zombeteiro cynico, e o sr. Emydio Navarro, o ferrabraz d'estes reinos que promete esfolar vinte e matar trinta, triumphos gloriosos do vosso partido, teriam em presenciar uma carga tremenda d'espadeirada no costado dos republicanos, carga que vos collocaria suave e beatificamente no poleiro da governação.

Mas deixae o sr. Manuel d'Arriaga. Que diabo! O sr. Manuel d'Arriaga é uma boa pessoa, cheia de talento, de honradez, de cavalheirismo!...

O sr. Manuel d'Arriaga é um simples membro de partido, ainda que muito talentoso e illustrado!...

O sr. Manuel d'Arriaga não é um jornalista que tenha levantado contra si indesculpaveis re-

presalias pessoas na lata enérgica e diaria da imprensa!...

Porque é então que vossas senhorias andam á espreita da mais pequenina palavra fallada ou escripta do deputado republicano, para verem n'ella um cento d'asneiras, um cento de faltas ás praxes parlamentares, um cento de sentimentalismos, srs. progressistas?

Hum, isso ahi anda cousa. Vossas senhorias não perdão ao illustre orador que elle tenha dado um cheque ao transparente senhor de Braamecamp, pois não é assim? Ora vamos, confessem, e depois ouçam cá uma cousa.

Isso é feio, porque já não indica um simples despeito, indica um genio atrabiliario, violento, odiento, um mau caracter.

Não se embirra sem mais nem menos com um homem lá porque 2:000 eleitores se lembraram de o preferir a outro qualquer.

Um partido que procede assim não nos dá garantias de bom governo, onde se requer liberdade, tolerancia, moderação e desprendimento absoluto de pequeninas desforras. Depois não tendes razão nenhuma.

Em que peccou o sr. Arriaga? Em escrever um projecto de lei para a abolição do juramento mais longo e menos pratico do que deveria?

Oh ceos! E por tão pouco dá-se um homem por inutilizado para a vida publica, e por uma ridicularia d'essa ordem empregam-se columnas e columnas em o combater, como se d'aquillo dependesse a salvação da patria!

Não ha que ver, estamos n'um paiz de microcephalos, maus e velhacos como todos os animaes de raça degenerada. Por que um homem em lugar d'escrever simplesmente — «Está abolido o juramento publico» — escreveu mais um considerando, poetico ou não, o que nada importa, aqui «d'el-rei nosso senhor» (são elles que fallam) contra o deputado republicano, que não tem fino politico.

Ora bolas, meus senhores!

A segunda accusação progressista é que o discurso do sr. Arriaga na camara foi uma bella cantata, cheia de sentimentalismo. Assim o disse o «Correio da Noite». Ora este «Correio da Noite» é orgão do sr. Navarro, provavelmente o autor d'aquellas linhas, que nunca cantou bem porque sempre berrou mal.

Sim, eu percebo muito bem que sua Ex.^a gosta mais de berratas do que cantatas! O sr. Emydio Navarro, que nós já ouvimos n'esta terra, necessita berrar para vér se o barulho

atrahe quem principalmente quando exige guerra sem treguas nem quartel ao «Antonio Maria» ou a outro jornal democrata, ou quando o auditorio dos comicios lhe foge atraz das «cantatas» de qualquer republicano.

Como ha de sua excellencia usar as cantatas, se as cantatas conseguem deixal-o ás moscas, como succedeu no comicio do Rocio?

Como ha de sua excellencia usar as cantatas, se as cantatas atrahem ás galerias uma multidão enorme e prendem a camara em pezo?

E o que consegue sua excellencia com as suas berratas? Que ninguem o ouça.

Desengane-se, sr. Navarro e desenganem-se vos todos, srs. granjolas:—Vale um cento de vezes mais ouvir um rouxinol que uma gaita de folles.

O primeiro encanta, deleita e atrahe; o segundo incommoda, repelle e afugenta.

Se o sr. Arriaga é o rouxinol como pretende insinuar o «Correio da Noite», o sr. Navarro é a gaita de folles.

E fica explicado o ataque dos progressistas ao sr. Arriaga:

1.º Porque o sr. Arriaga fez com que o sr. Braamecamp não entrasse na camara.

2.º Porque o sr. Arriaga sabe cantar, ao passo que um dos seus maiores triumphos só sabe berrar.

Iguotus.

COMMEMORAÇÃO

25 DE JANEIRO DE 1883

O partido republicano portuguez já conta paginas bem tristes na sua historia, onde se registam perdas importantes ocasionadas pela fatalidade da morte; e uma das maiores, uma que mais se fez sentir foi certamente a de José Felix Henriques Nogueira. Este cidadão podia ainda estar vivo, e o partido republicano portuguez teria ganho bastante com isso pois que com elle trabalhavam no mesmo sentido, homens que depois da sua morte, não tendo entre si um caracter tão integro e uma convicção tão scientificamente formada como a tinha Henriques Nogueira, desmembraram-se, e uns bandearam-se para a monarchia, insultando assim a memoria do seu antigo amigo e companheiro, e os restantes abandonaram a politica porque descreiam dos outros, e continuaram respeitando a sua memoria, mas como um culto intimo.

Restam ainda republicanos Souza Brandão, Gilberto Rolla e Elias Garcia; mas não foram estes, como lhes cumpria, que tiraram do esquecimento o nome immaculado de José Felix Henriques Nogueira. Foi um grupo de trabalhadores dedicados á causa democratica, que só o conheciam por tra-

dicção, que se encarregou d'essa tarefa, e devido aos seus esforços, em todo o paiz se repete hoje o nome do primeiro republicano portuguez com respeito e saudade. Os seus escriptos tem sido muito procurados, e era um bom serviço o publicar d'elles uma edição popular, barata, para espalhar as generosas ideias ali tão lucidamente expostas, por aquelle espirito sinceramente patriótico.

José Felix Henriques Nogueira, nascido em 15 de janeiro de 1823, morreu em 23 do mesmo mez de 1858. Com 33 annos d'idade! A democracia portugueza commemora portanto, depois de amanhã o 25.º anniversario da morte do verdadeiro fundador das doutrinas republicanicas em Portugal, do auctor do *Município no seculo 19*, e dos *Estudos da Reforma em Portugal*, bellos livros de sã propaganda democratica.

Alem d'estes livros, publicou mais uns excellentes almanachs *democratico* e do *cultivador*, e espalhou artigos em varias folhas periodicas.

Não dispomos de espaço para dar aos nossos leitores uma larga noticia da obra d'este grande republicano; mas o *Povo de Aveiro* não podia deixar de memorar esta data de auto para a historia do nosso partido. Temos, n'estas palavras, só por fim, mostrar que não esquecemos o nome do insigne patriota e do convicto republicano federal José Felix Henriques Nogueira.

Consultamos os seus livros, que temos ali muito a aprender; e prosigamos na luta que elle tão dignamente encetou, descansando só depois de estar consolidada n'este paiz a república.

AGORA EU!

Sr. articulista do *Campeão das Provincias*, eu não quero conversar consigo á boa paz.

Dou-lhe a guerra implacavel que merece, como os seus correligionarios d'esta terra.

E para que vossê não atire pedras aos vizinhos, e para que não venha como ratinho atrevido provar dente voraz na propriedade alheia, declaro-lhe que o meu telhado é bom e resistente, e que tenho uma vassoura forte e certa.

Oíça então sr. articulista, e não tergiverse: vou offendel-o, insultal-o e provocal-o para ver se essa sua penna insolente é movida por um braço convicto e corajoso.

Oíça: Vossê é um mentiroso; note bem, um mentiroso e da peor fé.

Mentiu quando citou—os logares da commissão recenseadora não servem para nada—como propriedade minha.

Mentiu quando asseverou que era —venerando velho—um imbecil, assim havido por pessoas de todo credito e até por medicos!

Mentiu quando insinuou que eu estou unido ao centro republicano, pois não tenho essa fortuna.

Mentiu quando disse que eu tinha *petulancia da idade*, porque isto é coisa que nem eu nem pessoa alguma é capaz de ter, quando a verdade manda declarar que vossê e lá os seus camaradas conservam a idade da petulancia.

Mentiu quando pretendeu que vim de Cordova expressa e exclusivamente, votar contra os progressistas, porque a verdade é não só ter eu par-

tido de Sevilha e sem saber da reunião dos 40 maiores contribuintes, mas tambem que, se de tal me lembrasse, viria não da Andalusia mas do proprio Paraizo á terra só pelo gosto de ver hydrophobos aquelles politicos trapalhões.

Mentiu quando sugeriu que eu não accetava logar na commissão recenseadora porque ninguem me pagava semelhante trabalho.

Mentiu quando indicou que esse trabalho era feito por monarchicos que nada colhiam nem apeteciam das rendas burocraticas; quando vossê está raivoso e pestilento porque lhe levantaram uma razão cubicada.

Mentiu quando fallou da *legitima e proporcional representação* do partido republicano na *commissão recenseadora*, porque para nós não ha legitimidades, dadas pelo Escrivão de Fazenda, e não encontramos na arithmetica lei de proporcionalidade que nos deixe ter logar n'essa commissão.

Mentiu e canalhamente quando atirou para cima de um republicano com a insinuação velhaca de que elle *por prudencia negára a paternidade dos seus escriptos*, porque a verdade era não existir tal paternidade, alem de que quem tem verdadeiro interesse em conhecer os ructores dos artigos dirige-se como cavalheiro á Redacção e ahi havia de encontrar algum que lhe desse a conveniente resposta.

Mentiu quando escreveu que *enloilamos* (quem inventaria ou auctorisará este verbo?) os artistas d'esta terra, porque vossê e os seus antecessores tendes feito delles gato sapato com tal brutalidade que elles apesar de ingénuos, e bondosos vos voltam as costas afoitamente, offerecendo-nos dignamente contra vós o seu braço poderoso.

Mentiu... Mas para que hei de fustigar-lhe as faces, incapazes de rubor, com mais desmentidos?

Devia; sim, eu devia agora arrancar-lhe a pelle, seu articulista impotente, com a lixa corrosiva do voto do *imbecil*; achatal-o com a historia fedorenta do seu partido n'esta terra e por monographias asquerosas; atirar-lhe a essa cabeça teimosa e rebelde com a contradicção inaudita do seu correligionario que afirmou ser homem de lei, ter descoberto uma illegalidade, e não duvidar auctoral-a com a sua assignatura.

Mas para que hei de tomar um trabalho inutil porque sois incorregiveis, ocioso porque ninguem aqui ignora as vossas pelotiques e traficancias politicas, e massadora e inconmensuravel taes e tantas são estas?

Passemos adeante; e oíça mais, seu humusculo!

Vossê é um invejoso da peor especie:

Tem inveja aos ricos, aos *touristes*, aos *janotas*. E porque não ha de vossê ser rico? Trabalhe para ahi á vontade; ganhe dinheiro; vá para o Brazil ou para a Africa; venha de lá commendador mesmo; lucte, estrebuche pela patacaria; mas já que a riqueza tanto o afflige e o seduz, porque não rouba?

Se acha tão opulentos, tão *Rothchilds* os dois republicanos, e se lhe parece odioso que elles *comam á fartura e se divirtam*, e demais a mais votem contra os progressistas, porque não arranjam que esses votos sejam inutilizados?

Porque os não compram, ou porque os não intimidam? Anlae, intrujões! Andae, valentes!

E se não andae, que venha aqui

o lanzado articulista, porque lhe quero perguntar que assumos são esses de socialista precoce e de ignorância que chama *miserio* ao operario para o atacar contra o dinheiro alheio? quem lhe disse que eu quero o suffragio universal? quem lhe disse que eu na republica apeteço os vivos do Tibitá? porque falla vossê de organisação social? porque illudimos nós que nada fazemos, e vossês são os sinceros por que fabricam construcções que se desmoronam, e estradas que vos retratam no excessivo da lama no inverno e no pó do verão?

E se vossê não é capaz de entender o seguinte, peça a alguém que lho explique efficientemente:

Por meu voto nunca os republicanos se unirão aqui aos progressistas, porque tenho horror á hypocrisia, á surpresa, á traição, á falsidade; porque estes blasonam de monarchicos e estão deplorando que os republicanos não mandem; porque dizem que votamos com o governo quando com-nosco iam os constituintes; porque aparentam imaginar que a commissão recenseadora pôde fazer republicanos.

O que me afflige, e deveras, é o interesse que os progressistas tem pelos republicanos. Eu não quero nada com o articulista imprudente nem com os seus congeneres. Arredem-se pois.

Deixem-nos, desprezem-nos, cuspam-nos mesmo. Mas tomem bem sentido n'isto; seu articulista d'uma figura vossê assegurava *ter ainda muito por dizer*, e eu respondo-lhe: estou farto de lhe dar consideração, de lhe fallar, já disse tudo; agora resta-me fazer alguma cousa.

E aqui estou eu!

Carlos Faria.

ALERTA E EM GUARDA

O jesuitismo, hoje condemnado fatalmente pelo progresso a que aspiramos e pela civilisação que se aproxima, toca a rebater nas suas fileiras negras, pretende congregiar elementos para levantar cabeça e proclama a guerra sem treguas aos livre-pensadores.

Faz muito bem. Nós é que se continuarmos como até aqui fazemos muito mal. Sim; nós os livre-pensadores, os *maçous*, os pedreiros livres, como nos apellida a quadrilha de Roma, precisamos de mudar de tactica em presença da provocação que nos atiram.

O jesuitismo de mãos dadas com a realza, arremessa-nos a luva. Não a deixaremos no chão. Levantamola e instaremos. Aquelle dos contendores que tiver por si o povo, esse será o vencedor. Veremos para onde o povo vai apezar da ignorancia em que

o tem mantido o regimen constitucional. O futuro nos dirá o que hade ser como a historia nos ensina o que já foi.

Alerta, todos aquelles que sentem germinar-lhes no peito o amor pelas conquistas modernas!

Alerta, todos quantos acceitam a destruição dos absurdos da Igreja, scientíficamente demonstrados á luz da boa razão!

Alerta, todos que desejam a felicidade universal, que não pode realisar-se enquanto estiverem de pé tantos preconceitos como os que representa essa cohorte de sanguessugas pretas que, esquecida dos crimes enormes que tem praticado, se atreve a dirigir ameaças e insultos a quem pensa segundo os dictames da sua consciencia propria!

O jesuitismo pretende avassallar-nos. Cumpre-nos esmagal-o como se esmaga o reptil venenoso que encontramos no caminho. O jesuitismo é o reptil que nós todos, os revolucionarios, encontramos no caminho que seguimos em demanda d'um mundo melhor, d'um futuro de justiça e fraternidade.

Esmaguemos o infame.

Durante o nosso não pequeno tirocinio jornalístico temos por vezes condemnado que se combata a reacção ultramontana por outra forma que não seja a da propaganda dos nossos principios e a da demonstração dos absurdos em que ella firma a sua doutrina embrutecedora. Entendiamos que procedendo assim procediamos com dignidade. Temos porem, que mudar de rumo á vista das circumstancias que se dão. A dignidade não admite nem poderia mesmo admitir a covardia.

Na Covilhã foi profusamente espalhado um manifesto catholico demasiadamente claro para que nós não o comprehendamos.

Quem o quizer mais claro deite-lhe agua. N'esse manifesto declara-se —com soffrivel mancha para que não se conheça a *sema* d'onde sabiu— a guerra sem treguas aos liberais, classe de gente nefasta de que é necessario limpar não só a Covilhã como todo o globo.

A vista de tal provocação nós já não podemos aconselhar ninguem a que *deixe arder*.

Nada! Toca a prevenir. Elles querem a guerra, guerra encontrarão.

Sem treguas?! Sem treguas será.

Alerta, mocidade portugueza em que residem as mais sagradas esperanças da nação que nos foi herço!

Alerta mocidade briosa que ainda ha tão pouco tempo conseguiste demonstrar ao mundo inteiro quanto podias por motivo da celebração do centenario de Ponihal, imaginado, iniciado e levado a effeito por ti, oh! nucleo vigoroso de soldados do futuro!

Alerta, mocidade briosa e destem-

plida! Alerta, que é a nós, os homens novos, que nos cumpre fazer frente ao movimento das hostes do Vaticano que tentam soerguer-se para assassinar a liberdade e retardar o advento da Justiça.

Alerta, pois e nada de distração que o inimigo é manhoso e pôde vibrar-nos o golpe traçoicamente.

Os bandidos de estolla, batina e toucra, incitam á guerra de noite contra nós?! Alerta e quando elles passem das palavras ás obras, guerra de morte contra elles o que equivale a guerra de morte contra o prejuizo, contra o preconceito, contra o embuste, contra o absurdo, contra a infancia, contra a velhacaria e finalmente contra a maior quantidade de males que flagelam a familia universal dos opprimidos.

E vós ó negregado bando de apolojistas da tréva e da mentira, que depois de tauto milhão de crimes commettidos tendes ainda a sufficiente audacia para levantar-des os olhos mysticos, mas cavados pelas olheiras das noites d'orgia, até nós os liberais; vós que constituis o excremento fetido das civilisações passadas em guarda, miseraveis!

Em guarda, assassinos da Saint Barthelemy!

Em guarda, assassinos dos christãos novos em Lisboa!

Em guarda, saltadores e assassinos, promotores e auxiliadores de todas as grandes conflagrações sanguinolentas que tem enlutado Portugal e Hespanha e todas as mais nações.

Em guarda biltres, que a luca vae travar-se e a victoria ha-de pertencer áquelles que mais garantias de justiça derem para o futuro e não aos que tiverem por si a benção papai!

Em guarda, e áyante.

N'este duello enorme que vae ferir-se são testemunhas da nossa parte o Progresso e o Futuro. Da parte contraria servem de testemunhas, a Mentira e a Perversidade.

Breve se verá quem canta o triumpho.

Sou a hora da luca.

Alberto Bessa.

HOMENAGEM A GAMBETTA NO PORTO

Na segunda feira passada celebrou-se no centro Republicano do Porto uma sessão solemne para commemorar a morte do grande apóstolo da democracia, Leon Gambetta. Foi um acto imponente, digno dos nossos correligionarios do Porto.

O sr. dr. Pedro Rocha leu uma

bem redigida exposição dos actos mais notaveis d'aquelle grandioso vulto, fazendo notar a sua influencia na formação da democracia franceza actual. A assembleia acolheu com muito agrado as sensatas considerações do sr. dr. Rocha.

Em seguida fez uso da palavra o sr. Luiz de Freitas, que igualmente pôz em relevo a influencia de Gambetta no progresso das idéas politicas da França; merecendo em todo o seu discurso, sempre animado, justos applausos.

Depois coube a palavra ao sympathico jornalista Emygdio d'Oliveira, o lutador que tão conhecido se tornou na *Folha Nova*.

Era a primeira vez que se apresentava n'uma reunião do centro republicano. Foi recebido com uma brilhante manifestação digna do seu bello talento e dedicação á democracia. Disse que não sendo orador, lia, e effectivamente leu, um pequeno, mas excellentissimo discurso, no qual demonstrou principalmente que a situação da republica franceza não era perigosa pelo facto da morte de Gambetta. Terminou por um viva a republica que a assembleia applaudido calorosamente.

Fechou a reunião, e bem se pôde dizer que fechou com chave d'ouro, o sr. dr. Alves da Veiga, uma das mais puras glorias da democracia portugueza.

E' sempre eloquente, admiravel, este orador, já hoje idolo das multidões n'esta cidade; mas na reunião de segunda feira foi eloquentissimo, profundo, arrebatador. Tem elle, como poucos oradores portuguezes, o condão mysterioso de se transfigurar, de passar imperceptivelmente do forte, vibrante, para o meigo e seductor. Ora vibra como uma foice, ora commove como uma prece.

A concepção rapida a imaginação brilhante, a exposição clara, a phrase possante dá-lhe seus discursos um poder de seducção extraordinaria.

O discurso sobre Gambetta, que durou uma hora, foi monumental e tão variado que mal se pôde resumir. O orador mostrou a alta significação das homenagens prestadas a Gambetta em todo o mundo, homenagens que mostram o poder da democracia, porque nenhum grande estadista monarchico as tinha obtido eguaes. Fallou da missão dos grandes homens politicos, mostrando a influencia que elles exercem na sociedade, e concluindo que a morte de Gambetta não deixou em perigo a republica franceza. Traçou o quadro da vida d'aquelle homem notavel, descrevendo com grande sentimento o processo Bandin e a luca contra o imperio, os seus esforços desesperados para salvar a honra da França na guerra de 1870, a luca contra Mac-Mahon e contra os jesuitas, a sua influencia na republica franceza, tocando outros muitos pontos que não

podemos aqui enumerar.

De modo que nada pode haver mais contrario á doutrina christá, que tem por auctor a summa verdade, do que os preceitos da seita negra, e nada se nos pôde apresentar de mais estranho do que o espectáculo d'uma companhia que se diz de Jesus atacando tão caviloso e ousadamente os expressos mandamentos do mesmo Jesus.

Por isso os pontifices romanos, a Universidade de Louvain, e a assembleia geral do clero de França condemnaram as allegações e doutrinas jesuíticas por temerarias, escandalosas, perniciosas, illusoras da boa fé, oppostas ao decalogo; por contrarias á Escrip-tura, por abrirem a porta á mentira, á fraude e ao juramento falso; por patrocinar a ambição humana e attentar contra a publicação auctoridade, segundo o preceito divino.

De modo que nada pode haver mais contrario á doutrina christá, que tem por auctor a summa verdade, do que os preceitos da seita negra, e nada se nos pôde apresentar de mais estranho do que o espectáculo d'uma companhia que se diz de Jesus atacando tão caviloso e ousadamente os expressos mandamentos do mesmo Jesus.

Por isso os pontifices romanos, a Universidade de Louvain, e a assembleia geral do clero de França condemnaram as allegações e doutrinas jesuíticas por temerarias, escandalosas, perniciosas, illusoras da boa fé, oppostas ao decalogo; por contrarias á Escrip-tura, por abrirem a porta á mentira, á fraude e ao juramento falso; por patrocinar a ambição humana e attentar contra a publicação auctoridade, segundo o preceito divino.

De modo que nada pode haver mais contrario á doutrina christá, que tem por auctor a summa verdade, do que os preceitos da seita negra, e nada se nos pôde apresentar de mais estranho do que o espectáculo d'uma companhia que se diz de Jesus atacando tão caviloso e ousadamente os expressos mandamentos do mesmo Jesus.

Por isso os pontifices romanos, a Universidade de Louvain, e a assembleia geral do clero de França condemnaram as allegações e doutrinas jesuíticas por temerarias, escandalosas, perniciosas, illusoras da boa fé, oppostas ao decalogo; por contrarias á Escrip-tura, por abrirem a porta á mentira, á fraude e ao juramento falso; por patrocinar a ambição humana e attentar contra a publicação auctoridade, segundo o preceito divino.

De modo que nada pode haver mais contrario á doutrina christá, que tem por auctor a summa verdade, do que os preceitos da seita negra, e nada se nos pôde apresentar de mais estranho do que o espectáculo d'uma companhia que se diz de Jesus atacando tão caviloso e ousadamente os expressos mandamentos do mesmo Jesus.

Por isso os pontifices romanos, a Universidade de Louvain, e a assembleia geral do clero de França condemnaram as allegações e doutrinas jesuíticas por temerarias, escandalosas, perniciosas, illusoras da boa fé, oppostas ao decalogo; por contrarias á Escrip-tura, por abrirem a porta á mentira, á fraude e ao juramento falso; por patrocinar a ambição humana e attentar contra a publicação auctoridade, segundo o preceito divino.

De modo que nada pode haver mais contrario á doutrina christá, que tem por auctor a summa verdade, do que os preceitos da seita negra, e nada se nos pôde apresentar de mais estranho do que o espectáculo d'uma companhia que se diz de Jesus atacando tão caviloso e ousadamente os expressos mandamentos do mesmo Jesus.

Por isso os pontifices romanos, a Universidade de Louvain, e a assembleia geral do clero de França condemnaram as allegações e doutrinas jesuíticas por temerarias, escandalosas, perniciosas, illusoras da boa fé, oppostas ao decalogo; por contrarias á Escrip-tura, por abrirem a porta á mentira, á fraude e ao juramento falso; por patrocinar a ambição humana e attentar contra a publicação auctoridade, segundo o preceito divino.

De modo que nada pode haver mais contrario á doutrina christá, que tem por auctor a summa verdade, do que os preceitos da seita negra, e nada se nos pôde apresentar de mais estranho do que o espectáculo d'uma companhia que se diz de Jesus atacando tão caviloso e ousadamente os expressos mandamentos do mesmo Jesus.

é possível reproduzir n'esta succinta noticia.

O inspirado orador que se manteve sempre na altura que o assumpto exigia; foi, durante toda a sua oração, e principalmente no fim d'ella, alvo de ovações entusiasticas e prolongadas.

O presidente que era o honrado commerciante, o sr. José Antonio Lopes da Silva, director da Companhia Pharmaceutica, levantou em seguida a sessão.

Na sala do centro estava o retrato de Gambetta coberto de crepe.

A concorrência foi numerosa.

O QUE LA VAE...

Porto 20 de janeiro de 1883.

(Croquis na carteira d'um bohemio.)

Maus tempos, na verdade, estes que vão correndo, em que a impiedade tudo corrompe e a todos preverte.

Não foi a maldita aniehar-se já no interior do velho e arruinado casarão onde mestre Vulcano tem estabelecidas, lá em cima, as suas forjas!

Por certo que foi ella e só ella, a impiedade do seculo; que operou para que uma farsa se encapasse mu to sorradeira e sosegada na noite de 10 do corrente e viesse ca abaixo apear do seu pedestal, fazer pedacos, a marmore imagem da Senhora de Sameiro que se encontrava erguida, por obra e graça do Ammatucci—escultor portuense—no monte dos suburbios de Braga, a catholica cidade dos arcebispos, a mystica trincheira do miguelismo indigena.

O telegrapho trabalhou e os prélos gemeram para dar a todo o Portugal a noticia do sacrilegio virgínelio que tão cruel e desapiedadamente roubou assim a milagrosa imagem á devoção e pasmaceira dos bracarenses tão puros e tão justos como aquelles que o são.

Logo que a desoladora noticia chegou ao conhecimento dos corpos gerentes da Associação Catholica da Roma Lusitana, partiram para o lugar do sinistro acontecimento duas valentes companhias de fonsadores, os quaes poseram cerco ao monte afim de ver se conseguiam apoderar-se da scelerada farsa, mas todos os esforços foram baldados pois que a tal *siñhnhã raspou-se, poz-se ao freio, deu ás de villa Diogo d'Alva e flear terra para feijões!!!*

E a imagem a feon, mutilada, á espera que a piedade e catholicas crencas d'aquella boa gente de Braga se dignem commendar uma nova para a substituir.

Por este andar nós vemos já d'aqui o dito a metter requerimentos lá para cima afim de que lhe façam a favor de mandarem mais farsas d'aquellas, pelo menos uma vez cada anno.

E elle que faz assim *lá tem as suas raízes*.

E' ainda a impiedade do seculo, naturalmente, que forçou um membro do alto clero portuquez a proceder d'uma forma muito pouco (muito pouco é bom! não gostam?) em harmonia com a doutrina do Evangelho.

E' o caso que o conego Alves Mendes, doutor em theologia, pregador regio, etc., etc., publicou ha tempo um livro sob o titulo—*Italia - Ilucidario do viajante*, que

Não foram menos de dez os escriptores da Companhia que defenderam e sustentaram estes principios satanicamente deduzidos da falsidade que todo o peccado ou seja *commissão ou de omissão é digno de salario, não em quanto é peccado, mas pelo interesse ou gosto que elle causa a quem o manda fazer, ou pelo trabalho e perigo a que se expõe quem o commette*. Mas a lei natural e divina é diametralmente opposta a este principio e ás suas expostas consequencias.

O Levitico prescreve aos juizes: *«não faças iniquidade alguma em juize, na regra, no peso ou na medida. Seja a balança justa e os pesos iguaes.»*

Dos Proverbios vemos que: *«a balança dolosa é abominavel diante de Deus; e peso justo é conforme a sua divina vontade.»*

Nos Psalmos somos advertidos de que *«o meamente se salvam os que fazem justiça e não recebem dadasivas contra os innocentes.»*

E S. Agostinho: *«... Ora se o juiz não pôde vender uma sentença justa nem á testemunha um depoimento verdadeiro; quanto maior crime será se um vende por dinheiro uma sentença injusta e outro vende um depoimento falso?»*

O Ecclesiastico ord-na: *«não recebas donativos que egam ainda os mesmos prudentes, e pervertem ainda os justos. Não atendes ás pessoas nem ás dadasivas porque esta cegam os olhos dos sabios e mudam a sentença dos justos. Ai de vós que justificaes o impio por causa dos donativos e tiraes a justiça a quem tem.»*

E por estes motivos a assembleia geral do clero de França condemnou em 1760 estas proposições com o fundamento de *«serem falsas, perniciosas, contrarias á palavra de Deus e por induzirem a perversão dos juizes»*.

O juiz pôde receber presentes, com tanto que o faça sem escandalo, e sem perigo de corrupção. E quando os aceite illicitamente a lei não diz que não os possa reter validamente; logo não é o juiz obrigado a restituí-los.

(Continua.)

velar os cumplies; porem se teve a malicia ou a imprudencia de os descobrir, não o devendo fazer, é obrigado a usar de juramentos ambibologicos e equivocos para os defender;

«Se o accusado negando peccou, o confessor deve então ensinar-lhe com caridade a maneira d'usar dos equivocos e a sciencia das restricções mentaes para que se saiba conduzir melhor no futuro e que continuando a negar não peque mais; porem o mais acertado n'estes casos é fallar de modo que não tenha sentido o que se diz, o que é extremamente facil pois a maneira d'ocultar a verdade cabe na intelligencia de todo o mundo, e ainda das pessoas mais grosseiras;

«No processo exposto ha tanta falsidade e crime como haveria na manha d'um viajante que enganasse o saltador dando-lhe uma caixa de chumbo e affirmando ser ouro e diamantes;

«Nem no alto do patibulo o confessor deve obrigar o reo convicto a denunciar os seus cumlices;

«O juramento equivoco, ainda com necessidade, não é peccado mortal;

«Nas promessas feitas com juramento que respeitam a cousas leves, não se toma propriamente a Deus em testemunha do futuro complemento da promessa, mas somente da promessa actual, e da tenção presente. E assim n'este caso o juramento não obriga se não debaixo de peccado venial. Em cousas indifferentes o juramento de nenhuma sorte obriga;

«De mais não basta para um juramento ser verdadeiro pronunciar as palavras d'ella; é necessario que haja tenção e vontade de jurar.»

E evidente o arrojio com que a seita atacou a razão, o direito, a consciencia e a sociedade.

O homem, individuo social por excellencia é condição natural, faltar-lhe a sua essencia e annularia o seu destino se desvirtuasse prepositadamente o principal orgão e instrumento d'aliança e intelligencia mutua.

A palavra é o vestuario do pensamento, a sua traducção sensivel, a sua forma material. Inutilis-a, ou peor, trocel-a é semear o chaos, provocar a dissolução social e tornar impossivel o commercio humano falsificando aquella taboleta do coração. Promessas, compras, vendas, pactos, juramentos, alianças e até a conversação e trato familiar tudo oscilla na duvida, na suspeita e no perigo; e então a eus mundo terra e céu! A familia humana, admiravel fragmento, gloriosa pagina do livro da criação equalar-se-ia a demónios e o nosso planeta bello e admiravel, em excellentes condições de habitabilidade transformar-se-ia n'um inferno, conforme a crença christá que temos d'esse logar.

Os proprios gentios praticavam e louvavam a conformidade entre a palavra e a intenção entre o intimo coração e a expressão vocal. Cicero exalta a lealdade d'Atilio Regulo ao juramento. E a historia toda é um exemplo.

S. Agostinho com todos os theologos e padres ensina que as palavras não foram instituidas para outro fim se não para manifestar o interior do homem, e que a malicia e deformidade da mentira consiste em não concordar o interior com o que exteriormente se profere e isto com animo d'enganar.

S. Izidoro diz: «O homem que jura falso commette dous peccados: prefere em vão o nome de Deus e engana o seu proximo. Nisto estão conformes todos os doutores da Igreja.»

S. Thomaz prova que o juramento se deve guardar não conforme as intenções ou restricções do que jura, mas conforme o sentido que nas palavras do juramento entendem o aquelle a quem o juramento se faz.

E S. Paulo disse: «depondo a mentira, fallae cada um verdade com o vosso proximo, porque reciprocamente somos membros da mesma sociedade.»

O Propheta-rei perguntando a Deus quem hade habitar em seu divino tabernaculo e respondendo em nome do Senh r, diz!—aquelle que fallar verdade em seu coração, e que não enganar com sua lingua o seu proximo.

O homem, individuo social por excellencia é condição natural, faltar-lhe a sua essencia e annularia o seu destino se desvirtuasse prepositadamente o principal orgão e instrumento d'aliança e intelligencia mutua.

O homem, individuo social por excellencia é condição natural, faltar-lhe a sua essencia e annularia o seu destino se desvirtuasse prepositadamente o principal orgão e instrumento d'aliança e intelligencia mutua.

FOLHETIM JESUITAS E REIS

«Quando uma dispensa impõe censuras e traz por condição—visto que os contrahentes não tenham habitado juntos—podem estes jurar que o não tem feito, subentendendo que o não fizeram de maneira que possam ser convencidos no fóro externo;

«Pela mesma razão o devedor cujo prazo de divida ainda não expirou ou que não pode pagar por extrema pobreza pôde jurar perante o juiz que não deve, subentendendo —para pagar de prompto ou sem poder;

«O homem que fez um furto para lhe servir de compensação pôde jurar que está innocente;

«O devedor a quem se pede mais do que deve pode negar a divida total se receia que a confissão a respeito da parte devida tenha más consequencias com relação ao todo;

«O clerigo não sendo obrigado aos impostos pôde sempre jurar que não traz cousa alguma a elles sujeita. O mesmo se dá com relação ao leigo, todas as vezes que elle entenda que não deve ou que não deve tanto;

«Um homem em tempo de peste pôde também jurar que não vem de tal lugar, ainda que venha, se se cre erradamente que ha peste no dito logar;

«Para maior segurança se pôde também jurar na forma seguinte:—juro que não fiz tal cousa—dizendo baixo: hoje;

«Um delinqente antes da sua condemnação não é obrigado a descobrir a verdade ao juiz;

«Excepto nos crimes de lesa-majestade divina e humana e nos que interessem a uma comunidade religiosa não é permitido re-

mereceu o applauso da critica, o louvor da imprensa e... os 1:50 o dos patos!

Mas como o diabo tem uma manta, secundum traditione, e duas mãos, com uma das quaes cobre o que quer e descobre depois com a outra; o que é certo é que, quem metton-se-lhe em cabeça que o conego Alves Mendes nunca havia ido a Italia é principiou a imaginar que o livro tal que estava 1:500 reis, era uma perfeita chuchaleira. E vai d'ahi...

Examinando alguns livros publicados sobre a formosa patria de Garibaldi e Mazzini, a ver se as opiniões do sr. conego estariam em harmonia com as dos excursionistas antecedentes, foi esse algum dar com a l'obra do sr. Alves Mendes, plagiada, ou antes copiada ipsa verbis nos livros de Castellar, o famoso tribuna da nação visinha: *Recuerdos de Italia e La Civilisacion*, publicados muito antes de apparecer a Italia, do sr. conego (+).

Está pois decidido que apparecendo a Italia em 1878, o sr. Alves Mendes, cuja reputação litteraria e eloquencia de exposição ningu'm pôe em duvida, depois dos elogios que a imprensa séria lhe tem tecido, foi victima d'uma pilhagem feita pelo Castellar...

O tal *alguem* a que nos referimos diz que não é assim; que quem *pillou* foi o Alves Mendes e vai provar isto n'um livro que anda escrevendo e que hade deitar 300 paginas.

A folha da carteira cá fica á espera do esclarecimento do escandaloso.

E ningu'm nos tira da cabeça que Castellar advinhou em 1876 os penamentos do conego em 1878...

O sr. José Luciano de Castro renovou na camara o seu projecto de lei de reforma da carta constitucional e reforma primaria da lei eleitoral.

La-mos a apostar em como sua ex.ª se lhe fosse incumbida a missão de relator do parecer sobre tal reforma, emmittia a opinião de que os chouricos da Anadia deviam ser elleitores.

Se, em vez de sua ex.ª, fosse relator o chapelleiro Gonçalves, que tinhamos repise da estupafurdia ideia de que cada eleitor pagasse 3:000 reis por caveira para ajuda do bndio constitucional.

E não se chama o reino da pandega a esta faceta Parvonia á beira mar plantada! Decididamente nós somos uns ignorantes de marca!

Estamos na epocha das loterias.

Qu não estivéssemos no reinado dos arranjos!

As creches vão botar loteria para seu proveito!

O Palacio de Crystal do Porto bota tambem loteria para obter receita!

A continuação assim, se a moda péga, não terá a monarchia mais remedio senão fazer uma loteria afim de custear as despesas da sua vida, b m pouco segura hoje.

A loteria foi, e hade ser sempre um roubo á separado feito sob a protecção das leis. A loteria é a batota visto pelo seu lado mais bonito.

Em Portugal, o paiz dos patos por excellencia, onde tudo é batota, a loteria dá-se perfectamente, como os tortulhos em terrenos pantanosos.

Embora. Vamos nós, os espiritos impoliticos, protestando contra a infamia e chamando o povo á comprehensão do seu dever, No dia em que essa comprehensão chegar, as nossas coisas serão benditas como lembrada será a nossa memoria.

(+) *La Civilisacion*, de E. Castellar, foi publicada, em 3.ª edição, em 1876.

Alberto Bessa.

CARTAS

Lisboa 19 de janeiro de 1883

Deve talvez ser votada hoje a resposta do discurso da corôa; e em cuja discussão tomaram parte os deputados democraticos Manuel d'Arriaga e Elias Garcia. O dr. Arriaga fallou no dia 16 e o seu discurso agradou bastante pelas affirmações rasgadamente republicanas n'elle feitas; um dos pontos a que se referiu foi o não se fallar no discurso da corôa, da imponente celebração do centenário do marquez de Pombal.

O sr. Elias Garcia referiu-se tambem á promessa das reformas politicas feita pelo sr. Fontes, e disse que não recusaria nem o seu apoio nem o seu voto ás que fossem sinceramente liberaes, porque eram conquistas para a democracia.

O dr. Arriaga já annunciou a sua interpegação ao ministro do reino, relativamente ao acto arbitrario e despótico da prohibição do comício de 3 de dezembro ultimo convocado pelo partido republicano para tractar das questões da nunciatura e do Congo. Requereu que dos documentos respectivos a esta prohibição, lhes fossem fornecidas copias, pelo ministerio do reino.

Veremos o que o mellifluo sr.

Thomaz Ribeiro responde ao distincto deputado pelo gireulo do Funchal.

Realizou-se no domingo, como estava annunciada, a manifestação civic do centenário do alto de S. João, afim de ser deposta uma corôa sobre o tumulo do Xavier de Paiva. Foi imensamente concorrida e tomaram a palavra varios amigos e dedicados correligionarios do desventurado moço.

No passado domingo foi solemnemente inaugurada a escola pelo methodo de João de Deus, no concelho de Belem, de iniciativa do Club da Montanha, e para cuja fundação se realisou ha poucos dias um beneficio no Theatro da Trindade.

Presidiu o sr. Magalhães Lima, e alem d'este nosso collega, fallaram tambem com grandes applausos da numerosa assemblea Casimiro Freire, Nunes da Motta, Augusto de Figueiredo, e outros nossos amigos socios d'aquelle notavel club.

As aulas que a Associação escolar Fernandes Thomaz, annunciou ia abrir, já estão todas a funcionar.

Outros clubs democraticos, que não sustentam ainda aulas, estudam o meio de o fazer. Saudemos vivamente quem assim cura dos verdadeiros interesses do povo, ministrando-lhes a instrução, cuja falta é a causa essencial do abatimento a que chegou este paiz.

A divida fluctuante estava em 11.717:809\$275 reis, em 31 de dezembro do anno findo; e ainda assim não foram pagos todos os encargos respectivos áquelle anno. Por isso agora em 31 de janeiro deve subir um pouco mais: uns centenares de contos, o que continuará a ser bagatella para o paiz tão rico e florescente como o nosso, onde se caloteiam os professores de instrução primaria!

O partido republicano portuguez perdeu ha poucos dias, um seu membro bastante dedicado, e homem de convicções firmes e de honradez provada. Foi Manuel Nunes da Silva, que no dia 13 se enterrou civilmente e á beira de cuja sepultura, pronunciou um breve discurso o nosso amigo Teixeira Bastos, que veio publicado no *Seculo* de terça feira.

Nunes da Silva era livre—pensador e professava as ideias republicanas as mais avançadas. Quando se fundou em março de 1880 a *Vanguarda*, foi elle um dos seus accionistas mais prestantes e era membro da *associação dos livres pensadores* e do *Centro republicano federal*, ao qual deixou 200:000 reis para as despesas do enterro.

N'uma sessão d'assembleia geral realisada no *Club Ração e Justiça* (centro republicano de Alcantara) propoz-se e foi approvedo que o socio que deixasse de promover a inscripção do seu nome no recenseamento eleitoral, seria riscado do Club. Applaudimos esta proposta; é necessario que se compenetrem todos que não basta apregoar-se como republicano; é necessario que os seus actos estejam todos de accordo com as ideias republicanas.

Ultimos acontecimentos em França

Do jornal hespanhol *El Liberal*, transcrevemos os telegrammas do seu correspondente particular em Paris, onde são narrados os ultimos acontecimentos de França.

Paris, 16, ás 9 h. e 50 m. da noite.

Os bonapartistas estiveram hontem muito arrogantes celebrando diversas reuniões publicas e hoje appareceu um manifesto do principe Jeronymo Napoleão nas columnas do *Figaro*, em muitas esquinas de Paris, nos departamentos e em varios districtos militares.

Os transeuntes arrancavam-no das paredes, protestando em altas vozes contra o acto.

O principe Napoleão foi preso ás duas e meia da tarde no seu domicilio, quando voltava de passear, por quatro officiaes dos guardas de paz, sendo conduzido á Conciergerie.

Reconheceu ahi authenticidade da proclamação. As seis da tarde continuava a instrução judicial sem se ter lavrado ainda auto de prisão.

Na camara dos deputados reinou

toda a tarde viva effervescencia. A meio da sessão o deputado Cuneo de Ornano annunciou ao governo uma interpegação sobre os factos do dia; o governo accitou-a immediatamente e o sr. Cuneo cedeu então a palavra ao seu collega bonapartista, o sr. Jolibois. Este disse que se havia commettido uma arbitrariedade, visto que o acto do principe Napoleão não envolvia attentado algum contra a segurança publica. O mais que elle se podia considerar era uma censura violenta ao systema republicano e isso constitua simplesmente um delicto d'imprensa, que não importa as medidas de rigor adoptadas contra o principe.

Por entre o maior tumulto e os protestos da camara, o interpellante conclue dizendo: «Violaste a liberdade d'imprensa, porém confio em que a energia do paiz se imporá ás vossas arbitrariedades.»

O ministro da justiça, o sr. Devès, respondeu dizendo que o procedimento usado com o principe está dentro das prescripções do direito commum e que egual conducta se empregará para com todos os que violarem as leis.

O sr. Cuneo d'Ornano: — «Pois declaro-vos que mandarei affixar esse manifesto nas esquinas das ruas de todos os povos do meu districto e desafio-vos a ir arrancar-os.» (Protestos reclamaciones, terrivel confusão)

O ministro replica que se ordenou a apprehensão do documento, como materia de delinquencia, declarada tal pelo juiz d'instrução e o procurador geral.

O sr. Floquet apoia uma proposta para que sejam expulsos do territorio francez todos os membros de familias que reinaram em França.

O orador é applaudido com frequencia.

Tomada em consideração pede se a urgencia contra a qual se levanta a protestar o sr. Jolibois denominando a proposição-proposição de medo.

O sr. Martin Feillet propõe um voto de confiança ao governo, que é approvedo por 417 votos contra 89

O duque de la Rochefoucauld diz que o rei (alludindo ao conde da Chambord) é alheio a essa manobra.

O presidente insta com orador para que retire o titulo de rei. O duque pergunta como ha de chamar então ao descendente dos reis de França.

O prezidente replica que não pôde tolerar que tal pergunta se dirija aos deputados. O deputado responde que lhe é indifferente que se tolere ou não a sua manifestação.

Os votos da camara acrescenta, significam pouco para dar ou tirar ao rei a auctoridade que está superior a tudo isto.

Rebenta um tumulto espantoso depois d'estas palavras.

Socegados os animos vota-se a urgencia da proposta Floquet, continua o incidente.

Paris, 16 (10 noite).—Emoção immensa. Desconfia-se de ramificação militar em algum departamento. Consta que Rouher approvou o manifesto. A policia revista todos os kiosques para sequestrar o documento. A multidão applaude esta determinação.

Em Belleville e Villet ha grande agitação contra os bonapartistas.

Correm rumores de que o principe Napoleão se acha nos aposentos do director da Conciergerie sem entrar na prisão.

O manifesto em papel azul, havia sido collocado em muitas esquinas. A sessão da camara foi indescriptivel.

O *Gaulois* (clerical) publica n'este momento um numero provocador.

O manifesto criticava duramente a situação porque atravessa a França, e considerando que as instituições republicanas levam esta á ruina, reivindicava em favor de Jeronymo Bonaparte a herança de dynastia napoleonica, attribuiu aquelle unico e representação legitima do partido bonapartista.

O correspondente do *Imparcial* acrescenta que qualificava a Republica de covarde e inepta.

A agencia Fabra desmente que se temesse qualquer insubordinação militar, acrescentando que o manifesto foi recebido com indignação pelos republicanos, mas sem temor, e que muitos bonapartistas o combatem.

A Virgem do Sameiro

Os santinhos de Braga, não querendo acreditar que Deus fizesse descer do céu á terra, não um raio da sua divina graça, mas um raio que partisse a *virgem do Sameiro*; propalaram, para convencer os ingenuos, que fora uma granada dynamica que fizera pedaços o monumento, que devotas e piadosas almas tinham mandado erigir em honra da virgem.

Mas os boatos heathericos, ainda não pegaram d'esta, e o reverendo *Senna Freitas* ficou de beico cahido.

Os peritos encarregados de proceder a um rigoroso exame no monumento, foram de opinião unanime, de não acharem vestigios de qualquer explosão criminosa, quer de bomba gí cerinica, quer de dynamite, quer d'outras analogas substancias explosivas.

Ora esta opinião de pessoas competentissimas, e por isso digna de todo o credito, prova-nos que a virgem do Sameiro, farta de aturar o reverendo *Senna Freitas* e as beatinhas do centro legitimista, pediu a Deus que não lhe desse um raio da sua cólera afim de pôr termo á correria dos padrecas e santinhas, que alli iam fazer as suas hypocritas orações.

E ahi temos nós o jesuita *Senna Freitas* em litigio com Deus, por ter feito a vontade á virgem, desprezando as suas jesuitas orações.

Olha *Senna Freitas*, por cautela, arranja um guarda-raios para a de Lourdes, por que se vier algum raio e a partir, principiam a baixar os fundos nas vossas piedozas algeibeiras.

Offensas á moral publica

Diz o nosso collega *Folha de Braga*, que a justiça de Amares acaba de levantar auto contra o sr. reitor do lyceu de Braga o reverendo Francisco José Ribeiro Vieira e Brito, que é accusado de haver praticado *offensas contra a moral publica*, por occasião da romaria de Nossa Senhora da Abadia.

Com vista aos hypocritas de roupa-peta.

Coimbra

Recebe-mos d'um nosso assignante de Coimbra uma queixa contra uma professora d'instrução primaria d'aquella cidade, a que não damos publicidade, pela maneira vaga como que vem redigida.

Um obreiro do Senhor

No dia 7 do corrente, enterrou-se, em Penhas de S. Pedro (Hespanha) uma mulher de Alcazovo, que tinha casado civilmente havia alguns annos.

Depois de se retirar o cortejo que acompanhara a fallecida, o *parcho* mandou tirar o cadaver do tumulo e lançal-o n'uma estrumeira, porque o infame padrecas suppunha que o matrimonio não tinha valor por não estar sancionado pela igreja. O coveiro não tendo quem o ajudasse, levou de rojo o cadaver da infeliz mulher até ao sitio que o padre indicara.

O povo revolt u-se contra o villissimo procedimento do jesuita, tendo a auctoridade que entrevir para livrar o sotaina da merecida sova que lhe queriam dar, e ordonou que o cadaver volta-se de novo para a sepultura primitiva.

Que diz a isto Braga a Catholica?

Mais um atheo

E' tal a abundancia de faiscas electricas, que tem cahido nas igrejas e monumentos *sameiros*, que os catholicos estão com vontade de pôr com dono os reverendos Grainhas e Senna Freitas, com medo que os raios atheos lhe vão cair em casa.

E com razão!

Na noite de 8 do corrente caiu um raio na igreja da Misericordia de Valadouro, concelho de Monção, e derribou parte da torre, partiu os vidros da janella e estragou (o atheo) o altar da Senhora das Dores, levantou as lousas de algumas sepulturas

e ainda foi vizitar a casa d'um fidalgo.

Ora isto é demais!

E' rarissimo o dia em que não recebemos d'estas noticias, e *Senna Freitas* e Braga a catholica, sem pôr còbro a estes desacatos celestes!

Um nosso amigo pede-nos a publicação do seguinte:

Ao Sr. Delegado do Procurador Regio

Pedimos a s. ex.ª de cumprimento ao processo d'aquelles individuos que ha tempo desobedeceram á auctoridade.

Nós juntamos á do nosso amigo a nossa humilde supplica, lembrando tambem a s. ex.ª o processo d'aquelle degenerado filho, que, na Rua de José Estevam, teve ha dias o bom gosto de bater no pae e apunhalar todas as pessoas que tentaram acudir ao pobre do velho.

Senna-Freitas

O reverendo, deitou viajata á Ponte da Barca, a fim de assistir á inauguração de um centro legitimista.

O sotaina, ao som da gaita de folle que aconpanhava os convidados, vomitou discurso e pediu chymno do rei chegou.

Berrou muito, mas não disse nada.

Pediu uma para-raios para o centro, uma esmoita para o papa, e gritou contra Deus, por lhe ter mandado o raio que partiu a do *Sameiro*!

Depois de discursos, houve banquete, e *Senna Freitas* transformou-se u'um ôdre!

E assim terminou a festa de tão piedosa gente.

Bombeiros voluntarios

Realizou-se no dia 14, o exercicio dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, sob a direcção do sr. Guilherme Gomes Fernandes, commandante dos bombeiros voluntarios do Porto, que veio a esta cidade expressamente para este fim, vindo tambem o 2.º patrão o sr. José Rodrigues Barrote, que coadjuvou, com o seu costumeado arrojo, os trabalhos dos nossos bombeiros.

Foi entusiastica a recepção feita a estes dois cavalheiros, provando-se d'esta forma o bom acolhimento que se costuma fazer ás pessoas que nos auxiliam na realisação d'alguma boa ideia.

A companhia apresentou-se devidamente uniformizada e na melhor ordem.

No exercicio que se effectuou, provaram os nossos bombeiros voluntarios, o quanto pode a boa vontade e o amor á terra que os viu nascer.

Executaram os mais difficeis e arrojados trabalhos de ataque de incandios, com uma pericia, que nada deixou a desejar, o que lhe mereceu um honroso elogio do dignissimo commandante dos bombeiros voluntarios do Porto.

Findo o exercicio retirou a companhia ao seu quartel, que se achava vistosamente adornado.

Á noute houve *marche aux flambeaux*, e outras demonstrações de regosio pela definitiva organização de tão util instituição.

Felicitamos o nosso prezabilissimo amigo o sr. Francisco Regala, commandante dos bombeiros voluntarios, pela maneira dignissima como se tem havido, para que chegasse a constituir-se com bom exito, a *brisa* companhia dos bombeiros voluntarios, honra o seu commandante, pelo parallelismo dos caracteres que a compõem.

A todos, enviamos os nossos emhoras.

Pasquins em Thomar

Appareceram affixados nos lugares publicos da cidade de Thomar, uns indecentes pasquins, com que os rufes da monarchia tentavam ridicularisar o banquete, que os nossos estimadissimos correligionarios offeceram, aos seus honrados e prestimosos

confrades de Lisboa, por occasião da visita que fizeram aquella cidade.

Diziam esses inmundos pasquins, que debaixo da meza do banquete fora encontrado um martello, um tira-pé, e uma trolha.

Pois snrs. monarchicos de Thomar, se effectivamente, debaixo da meza do banquete, foi encontrada essa trindade que vos repugna, porque é o *symbolo do trabalho*; o partido republicano ufana-se com a vossa descoberta, para vos lembrar que tem por dever, o cumprimento honroso do seu programma, que resumidamente diz o seguinte: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade!*

E demais, snrs. monarchicos de Thomar; em questões de banquetes é melhor não fallarmos muito, porque nos vem logo á memoria o celebre *banquete monarchico*, offerecido ás magestades hespanholas, aonde não appareceu o martello, nem o tira-pé, mas sim a *bedeadeira e a troca de vestuários!!* E se não me engano, pare-

ce-me que até as *magestades* trocaram os mantos!

Ora, cá por caza, não ha d'esta gente!

Apparece, é verdade, o vosso repugnante tira-pé, que talvez nos venha a ser preciso, para quando findarem as vossas ladroceiras.

Cuidado, pois, com o tira-pé!

Estada

Está entre nós o nosso prestavel patricio e correligionario Antonio Maria Ferreira, negociante da praça de Lisboa.

Providencias

São repetidas as queixas dos habitantes d'esta cidade, contra o estado lastimoso em que se acha a estrada, que do Cojo se dirige á estação do ca-

minho de ferro. Em dias de chuva é grande a accumulção de lama e agua, a ponto de impedir a passagem por aquelle sitio.

O calcetamento está completamente arruinado, não podendo por ali transitarem carros.

Ao sr. presidente da camara pedimos as necessarias providencias, a fim de pôr termo ao estado vergonhoso em que se encontra aquella estrada, digna de melhor sorte.

O Barbeiro

Mais uma publicação humoristica nos acaba de honrar.

O nosso prezadissimo collega *O Barbeiro*, jornal que se publica no Porto, dignou-se enviar-nos todos os numeros já publicados, o que desde já agradecemos.

Este nosso collega, encetou a sua publicação em 17 de dezembro do anno findo e no seu artigo inaugu-

ral promette ser «o espelho dos parvos, o amigo dos bons; o inimigo dos maus; o defensor da virtude; o flagello do vicio; a arma do povo em fim.»

Desejamos ao nosso collega muita prosperidade e longos annos de vida.

Los Desheredados

Folha semanal que se publica em Sabadell, Hespanha, e que é *órgano de todos los que aman la verdad y el bien.*

Agradecendo ao collega a honra da sua visita e acceitando gostosamente a permuta, d'aqui o felicitamos.

Choradeira

O *Districto* votou uma choradeira sentimental e sonora a proposito do

municipio aveirense não concorrer com alguma bagalhoça para a festividade da Santa Joanna Princeza. O pandego do collega tambem se sahe com cada ratico! Elle quer festa de estrondo, mas á custa do alheio. Quem quer festas pucha por dinheiro.

Recita

Uma *troupe* de curiosos e intelligentes moços d'esta cidade, vão realizar uma recita no nosso theatro, em beneficio da caixa da companhia dos bombeiros voluntarios.

Appoiado.

Garatujas

Vae sahir brevemente á luz um folheto de poesias que com o titulo engraçado de *Garatujas* contem uma collecção de sonetos, devidos á penna do sr. dr. Joaquim de Mello e Freitas.

ANNUNCIOS

NOVO ESTABELECEMENTO

DE
Crystaes, mobilia e mercearia

DE
José Maria dos Santos

RUA DIREITA
AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de côr, molduras douradas e pretas, galeiras, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM
OFFICINA DE SERRALHARIA

EM
AVEIRO

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de atão, carda ingleza, panelhas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE
João Augusto de Souza

4, LARGO DA APRESENTAÇÃO, 6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de 8\$000 a 1\$400.

Consultorio medico-cirurgico

Manoel Pereira da Cruz, medico e cirurgião pela Escola do Porto, dá consultas todos os dias do meio-dia á uma hora na rua do Caes, n.º 10

EMPRESA NOITES ROMANTICAS

FRANCISCO NUNES COLLARES
—EDICTOR—

18—Rua da Atalaya—18
LISBOA

O AMANTE DA LUA

POR
PAULO DE KOCK

30 réis semanaes em Lisboa—Provincias e Ilhas 100 réis quinzenaes cada fasciculo de 80 paginas.

Assigna-se no escriptorio da empresa, rua da Atalaya 18 Lisboa, em todas as livrarias do Reino, e em casa dos snrs. correspondentes da Empresa.

Venda de casa

Francisco Augusto Duarte vende a sua casa com quintal e poço no melhor sitio da Rua Direita d'esta cidade. Quem a pretender pode dirigir-se ao annunciante, em Aveiro.

AZEITE FINO

Francisco Joaquim Lopes, vende no seu armazem sito na rua do Sol d'esta cidade, excellentemente azeite de superior qualidade, de litro para cima, assim como para pipa.

Tambem recebeu uma grande porção de batata tanto branca como ramalheira da melhor qualidade, e banha de porco do Alemtejo que vende por arroba de 15 kilos.

Os preços são rasoaveis e sem competencia.

MODISTA

No Porto, rua de Liceiras, n.º 73, ha uma modista que se encarrega de executar toda a obra de senhora, tanto branca, como de côr a preços extremamente baratos, tanto para a cidade como para as provincias, garantindo todo o esmero e perfeição e tendo um pessoal competentemente habilitado.

ATENÇÃO

!!!OPTIMA MOBILIA!!!

Grande barateza

Fernando Homem Christo, com loja de carpinteiro na Rua da Alfandega, previne o publico em geral, que tem para vender uma magnifica mobilia que consta de:

Cadeiras americanas e austriacas, guarda vestidos de mogno, jogos de mezas lizas e com pedra, jogos de caixas de cabeceiras, lavatorios de pedra branca e de louza, e muitos outros moveis que vende por preços convidativos.

TYPOGRAPHIA
DO
"POVO DE AVEIRO,"

RUA DIREITA-AVEIRO

N'esta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada collecção de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, memoranduns, etc, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobre tudo a modicidade nos preços.

Loja de carpinteiro

DE

Fernando Homem
Christo

RUA DA ALFANDEGA

N'esta loja executam-se com a maxima perfeição todas as obras de carpintaria, tanto de esquadria como obra miuda que lhe seja encomendada.

Está prevenida esta loja com madeiras, tanto de pinho da terra como pinho flandres de excelente qualidade, para executar todas as encomendas que lhe fizerem e por preços sem competencia.

COMMUNICAÇÃO

Joaquim José de Pinho, alfaiate, actualmente residente em Aveiro, communicou aos seus amigos e freguezes que mudou para o logar d'Arcos, proximo d'Anadia, o seu estabelecimento de alfaiataria com o competente deposito de fazendas.

Espera, pois, a sua coadjuvação n'aquelle logar.